



Caderno de Cultura Nódoa no Brim

As águas correntezas no conto *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira (PPGEL/UNEMAT)

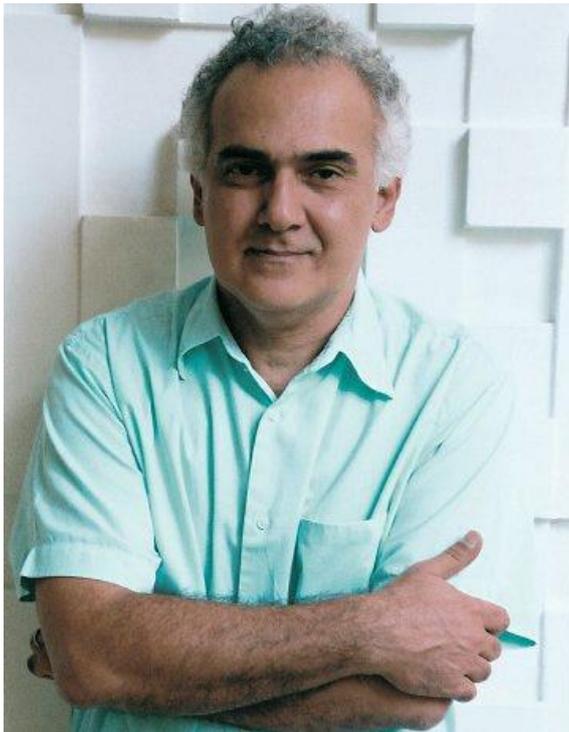


Início com a epígrafe acima por acreditar que esta vem ao encontro das imagens que saltam do conto **Olhos D'água**, de autoria de Conceição Evaristo. A narrativa, também título da obra, faz parte de uma coletânea de contos que denunciam e anunciam, tanto a resistência, quanto a falta de legitimidade que passam os afrodescendentes. Mais especificamente, retratam seus dilemas sociais e existenciais, dadas as situações de vulnerabilidade a que estão expostos.

A leitura do conto nos inquieta a pensar no puro labor que envolve a produção escrita, em que a autora reafirma sua condição de mulher, negra, escritora, filha e mãe. Conforme Gaston Bachelard (2002), o amor filial é o primeiro princípio ativo da projeção das imagens, é a força propulsora da imaginação, força inesgotável que se apossa de todas as imagens para colocá-las na perspectiva humana mais segura: a perspectiva materna [...] **quando amamos uma realidade com toda a nossa alma, é porque essa realidade é já uma alma, é porque essa realidade é uma lembrança** (BACHELARD, 2002, p.120-121). Nesse sentido, a narradora declara em primeira pessoa do discurso: **eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias [...] eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor dos seus olhos.** (EVARISTO, 2016, p. 18).

Conversa com a matriarca

Milton Hatoum



Aos 91 anos minha avó Sa mara tentou usar aparelhos auditivos. O par de geringonças lhe cobria as orelhas e dava-lhe ao rosto uma expressão de telegrafista assustada com uma péssima notícia.

Por vaidade, deixou o cabelo grisalho crescer para esconder os aparelhos. E o mais incrível é que passou a ouvir menos do que antes e a ouvir coisas que ninguém dizia.

Desconfiamos disso na tarde em que Samara ficou uns cinco minutos em silêncio durante uma reunião de família. Logo ela, que não parava de falar, alternando o árabe com o português, ou misturando-os numa algaravia que nos deixava em dúvida sobre o que queria dizer. Às vezes não queria dizer nada, e sim confundir os nove filhos com aporias ou argumentos absurdos, de modo que triunfava nas discussões sobre assuntos que desconhecia ou não lhe interessavam.

Mas nos cinco minutos de silêncio o mundo parou de existir. E, quando ela retomou a palavra, desfiou uma conversa tão desmiolada, que meus tios se entreolharam, imaginando alguma anomalia na cabeça da matriarca.

A coisa piorou num almoço de domingo. Enquanto ela comia calada, percebemos que se irritava com alguma coisa. De repente largou o garfo, mergulhou a cabeça no mormaço e bateu palma. Quando fez esse gesto pela terceira vez, um dos meus tios lhe perguntou:

“O que foi, mãe? Quem a senhora está aplaudindo?”

E ela: “Matem todos, pelo amor de Deus. Vão me devorar...”

Então ele tirou a geringonça dos ouvidos de sua mãe, aproximou-se do rosto dela e repetiu a pergunta.

“Não tem aplauso nenhum”, disse Samara. “Tem é muito mosquito por aqui, isso sim. Cadê os carapanãs? Matem todos, todos...”

Não era zumbido de mosquitos, e sim o ruído de chuvisco emitido pelos aparelhos auditivos.

Jurou nunca mais usá-los. Os seis filhos homens protestaram, minha mãe e duas tias pediram calma e meu avô se retirou da sala. Ela ignorou os protestos, o clamor pela calma e a ausência do marido: pegou as duas geringonças e jogou-as no tanque das enguias.

Meu tio Sami, que tinha comprado os aparelhos no Panamá, olhou desolado o fundo limoso do tanque e perguntou em voz alta:

“E agora, o que vamos fazer para a senhora ouvir?”

“Falem alto. Não são homens? Gritem.”

Gritavam. E ela regia ao alvoroço como uma maestrina sem batuta, conduzindo o coral com gestos incisivos de suprema matriarca, atenta à voz de cada um de seus filhos e à da conversa, sobretudo quando esta resvalava perigosamente por algum idílio ou caça amorosa. Quis o acaso que eu fosse um de seus netos queridos. Com os filhos ela era implacável, como são as mães de uma penca de marmanjos.

Quando os seis homens da casa se atracavam como gladiadores e berravam como camelôs em pânico, bastava um olhar da matriarca para que os vozeiros se rebaixassem a miados de angorá. Podiam brigar por dinheiro, futebol ou política, mas nunca por amor a uma mulher, já que a única mulher na vida deles era ela mesma.

É que Samara tinha ciúme até da sombra dos filhos, desde que fossem

sombras femininas. Não de todos os “meninos”, só de dois, seus eternos cativos.

Nas noites de sábado esperava-os com um faro de cão adestrado. Às dez horas ela bebia meia jarra de suco de alho, nos acordava com um copo na mão e dizia: “Faz bem para o organismo, vão viver cem anos”.

Tomávamos esse purgante e nunca mais dormíamos. À meia-noite ela fazia a primeira incursão ao quarto dos dois filhos.

Deixava na mesinha de cabeceira dois copos com suco de alho e molhava com querosene o pavio de uma lamparina a fim de espantar os mosquitos. No meio da madrugada, o eco de seus passos no corredor escuro acordava meu avô Elias.

“Ladrão?”, o velho perguntava com a voz rouca do ronco interrompido.

“Ladras”, ela respondia.

“Ladras?”

“Isso mesmo. Ladras. Querem roubar o amor dos nossos filhos.”

“Para com isso e vem dormir, Samara.”

Mas só Elias dormia. Ela continuava a ronda, subindo e descendo a escada, movida pelo alho e pelo desejo de ser única na vida dos dois meninos.

E quando eles chegavam, ela os acompanhava até o quarto e ralhava:

“Sou surda, mas não cega. Vocês ainda são muito jovens para o casamento.”

O mais velho desses jovens tinha 52 anos incompletos, e era tão alto e forte que erguia Samara com a mão esquerda e colocava-a sentada na direita. Esse gigante era tio Boulos, o Paulo: um Apolo à luz do dia e um lobo dionisíaco quando a primeira estrela espocava na noite.

O outro, tio Fares, um garoto de 48 anos. Sem esforço, era possível contar dezoito fios de cabelo em sua calvície precoce. Não tinha a pinta de Boulos, mas a voz de barítono e a lábia inquietavam minha avó.

“Com essa voz tu vais longe, ela dizia na presença de todo mundo. Vai muito longe, mas só comigo.”

Os dois chegavam juntos para evitar sermões alternados. Samara ralhava com o Apolo, depois com o careca, e eles escutavam juntos e calados na porta do quarto.

Nós ríamos quase em surdina: o bafo do alho nos impedia de abrir a boca e gargalhar. Solitário em seu leito, meu avô gritava para a mulher surda:

“Por Deus, Samara: isso é insano.”

Ela concordava:

“É verdade, Elias: é só ciúme.”

HATOU, Milton. **Um solitário à espreita**. Crônicas. 1º. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

Caderno de Cultura
“Nódoa no Brim”

Realização: **Diário da Serra**
O DIA-A-DIA DA NOTÍCIA **IDUS**
ISSN 2238-6467

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso

Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários
PPGEL

EDITORES

Walnice Vilalba é Pós-doutora em literatura pela USP, e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. É professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Lilian Reichert Coelho é doutora em Letras. É professora da UNIR e colaboradora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Maria Madalena da Silva Dias é graduada em letras, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL).

Fabiola Tormes, direção e jornalismo do Diário da Serra.

e-mail: wdiaspinono@gmail.com

ENDEREÇO

Av. Tancredo Neves, 1247-W, Jardim do Lago II • Tangará da Serra-MT CEP: 78300-900 Fone (65) 3326-4724 Fax 3326-6501

Este caderno é parte integrante do Diário da Serra

www.diariodaserra.com.br

As águas correntezas no conto *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira (PPGEL/UNEMAT)

A perspectiva materna, portanto, é a premissa de autoria de Conceição Evaristo, especialmente, ao abrir a coletânea com **Olhos D'água**, com **águas de Mamãe Oxum! Rios Calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum** (EVARISTO, 2016, p.18-19). A representação desse orixá feminino das águas doces, bem como de todos os outros orixás representantes pela Linha d'água na cultura africana, na imagem das Yabás evidenciadas no conto, fornece substrato para salientar que ao falar da mãe, ela nos incita a compreender a contribuição cultural da África em território brasileiro, bem como a necessidade de manter-se viva por meio do enlace entre os fios da vida e da ficção, afinal **de que cor eram os olhos de minha mãe?** (EVARISTO, 2016, p. 12). **E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água.** (EVARISTO, 2016, p. 18).

Esta passagem faz lembrar do filósofo francês Gaston Bachelard (2002, p. 184), ao questionar **Qual a verdadeira Calma do homem?**, pois talvez seja esta exposta por Conceição Evaristo e também respondida por ele, é a calma conquistada sobre si mesma, é aquela conquistada contra a violência, contra a cólera diante das injustiças sociais. Esta, por sua vez, desarma o adversário; se impõe e pode declarar paz ao mundo. É assim que deforma o mundo e contribui na construção de outros mundos possíveis, ou seja, é a consciência crítica do seu lugar que gera a calma necessária para a sua criação poética. Ao considerar que as **águas correntezas**, no seu curso, contornam os obstáculos, penso ser esta a ação poética que dá sentido à produção de Conceição Evaristo. Ademais, a representação da água no conto nos remete ainda ao útero materno, fato que nos projeta à compreensão de que não podemos nos esquecer das nossas raízes enquanto o elemento original que nos mantém em movimento com os outros elementos da natureza.

A água no rosto, ainda conforme Bachelard, rejuvenesce, talvez não tanto para o outro, mas, especialmente, para nós mesmos. O autor enfatiza que **a água fresca restitui as chamas do olhar. Eis o princípio da inversão que vai explicar o verdadeiro frescor das contemplações da água. É o olhar que se refresca** (BACHELARD, 2002, p. 152). A narrativa movimenta duas imagens fundamentais para se pensar o lugar do afrodescendente na sociedade contemporânea, o olho e a água, a primeira nos invoca a pensar o que vemos e a segunda a como movimentamos o que vemos.

No conto **Olhos D'Água**, discretamente, amorosamente, Evaristo nos incita a perceber que a água no rosto é um despertar, ela reativa a energia de ver, assim o olhar hegemônico que nutrimos é confrontado e desconstruído pela arte da tríade ver-sentir-agir. Em Bachelard esta água **põe a vista em ação; faz do olhar uma ação, uma ação clara, nítida, fácil. Somos tentados, então a atribuir um jovem frescor ao que vemos** (BACHELARD, 2002, p.152), frescor este que nos incita à continuidade e ao processo inconcluso do olhar e do ser. É nesta perspectiva que apresento a narrativa e a última cena do enredo:

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente no meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como se tivesse buscado e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. E escutei quando, sussurando, minha filha falou: - Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (EVARISTO, 2002, p. 19).

A presença da filha e o questionamento feito por ela sugere a dialética autor-leitor ao incitar continuidade à narrativa. Assim, retomo novamente a seguinte passagem: **Águas de Mamãe Oxum! Rios Calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum** (EVARISTO, 2016, p.18-19).

Ao assistir a conversa da autora na Associação Brasileira de Literatura Comparada/ABRALIC-Rio de Janeiro/2016, percebo o diálogo que ela estabelece entre a própria vida e a sua reflexão em *Olhos D'água*, bem como há, na narrativa, elementos que reforçam sua fala ao inferir que o conteúdo vivido pela e na experiência humana, com todas as suas manifestações é que demarcam o lugar do qual está a falar, às vezes, este vale mais que a sistematização conceitual e teórica que se pode adquirir ao longo da vida. Assim, enfatizo a proposição de Bachelard de que **a água tem também vozes indiretas. A natureza repercute ecos ontológicos. Os seres respondem-se imitando vozes elementares. De todos os elementos, a água é o mais fiel 'espelho das vozes'** (BACHELARD, 2002, p.199). Porém, para esta possível apreciação necessita ser lida com profundidade, compreendendo que o texto literário além do prazer pode despertar os ecos mais dolorosos, já que com seu efeito estético e ético pode despertar os fantasmas que estão adormecidos em nós. Neste sentido, é fundamental não se esquecer que a ambivalência entre o prazer e a dor nos ajudam a construir a calma sobre nós mesmos e, neste espaço, creio ser a narradora *expert*, pois por meio da memória demonstra o poder de resistência, ao inserir as vozes do seu povo na arte literária e, assim, anunciar as suas forças e denunciar as injustiças que permeiam por entre a sociedade hegemônica e unilateral a qual pertencemos.

A arte literária é uma das armas poderosas que nos permite ser nós mesmos, já que convoca os outros eus para que pululem do nosso interior, torna legítima a voz múltipla que coexiste em nós, muitas vezes, engessada pelo sistema de organização social. Ela nos convida à travessia, nos incitam à compreensão de que **os fluxos das águas, como nos fluxos da vida social, nada é estável e o futuro nunca é certo** (ABDALA, 2012, p. 121), assim é preciso se aventurar na **dinâmica das águas, com seus fluxos, refluxos, no reino flutuante do provisório, onde o sujeito, não obstante, descortina margens** (ABDALA, 2012, p. 122). Neste cenário, é importante enfatizar que **não poderá apreender esteticamente a totalidade e plenitude de uma obra de arte ficcional, quem não for capaz de sentir vivamente todas as nuances dos valores não-estéticos [...]**, o que significa dizer que **“quando o apreciador se entrega com certa inocência a todas as virtualidades da grande obra de arte, esta por sua vez lhe entregará toda a riqueza encerrada em seu contexto** (CANDIDO et al, 2014, p. 49).

Ensaio sobre a Cegueira: Não enxergamos, mesmo tendo a visão!

Maria Helena Rodrigues Paes (UNEMAT)



Fernando Meirelles assumiu a responsabilidade de colocar na “telona” o que José Saramago brilhantemente discorreu e discutiu ao longo de sua obra homônima: **Ensaio sobre a cegueira**. A narrativa, de cunho dramático, trata de fatos num contexto utópico, mas, não por isso, distante do modo como podemos compreender e refletir sobre o mundo em que vivemos.

A princípio, sem nenhum antecedente identificável, a “cegueira branca” assola um país e as pessoas vão perdendo a clareza da visão, enxergando como se um forte fecho de luz deixasse a visão esbranquiçada, sem qualquer condição de identificar o objeto da visão. Um a um, os cidadãos vão sendo tomados pela “doença” que rapidamente se torna uma epidemia. Numa tentativa de evitar maior contaminação, o governo vai aprisionando os “doentes”, separando-os dos sujeitos “sãos”. Um oftalmologista, ao atender ao primeiro paciente também desenvolve a doença e, como os demais contaminados, é forçado e conduzido à reclusão dos doentes. Para acompanhá-lo, sua esposa finge estar contaminada e passa a viver na reclusão, onde ajuda os doentes sem que saibam de sua possibilidade de visão e acompanha, pouco a

pouco, a transformação da condição de humanos para indivíduos basicamente instintivos.

Inicialmente o governo se responsabiliza por suprir as necessidades básicas da população doente, mas, logo não consegue mais atender e prover o necessário para a vida da população. Desesperadas, as pessoas acometidas pela doença começam a expressar suas mais animalescas e insanas atitudes na defesa e preservação da própria existência. O mundo se torna um caos, em especial, um caos na reclusão. Os reclusos mais fortes e espertos se organizam e submetem os mais fracos a trabalhos quase escravo e as mulheres são forçadas a prestar serviços sexuais em troca de comida. Parece instalar-se um processo de desumanização. Com a ajuda da personagem que ainda tem visão, o grupo submisso acaba por se rebelar e consegue sair da reclusão, quando encontram o mundo totalmente desorganizado e em absoluto caos. Espaço públicos sujos e anarquizados, ruas praticamente vazias, supermercados e lojas saqueadas, pois a desordem forjada pelo estado da doença estava instalada e as pessoas não seguiam mais as regras sociais de boa convivência: um “vale tudo” para continuar sobrevivendo! As pessoas que conseguiram sair da reclusão permanecem próximas, se ajudando mutuamente e, num belo dia, a doença começa a desaparecer e voltam a enxergar.

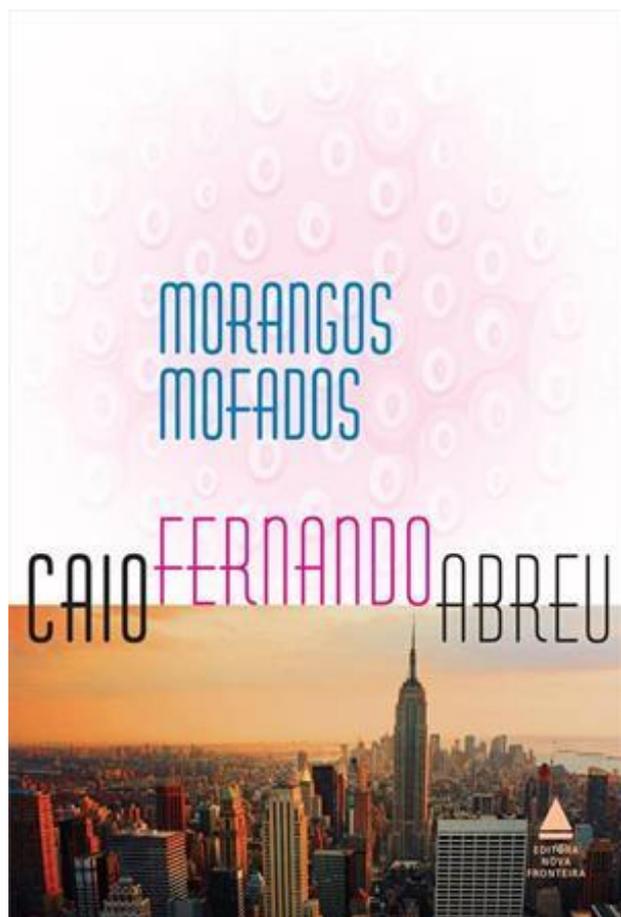
Ensaio sobre a cegueira nos conduz a reflexão sobre os limites da dignidade humana em situações extremas, de modo que o respeito ao caráter humano parece ser suplantado pelas ações instintivas de sobrevivência e domínio do outro. O ser humano, neste caos da cegueira, se torna um “mundo animal”. Por outro lado, podemos também refletir sobre o que estamos fazendo do mundo em que vivemos e das relações que nos conectam a outras pessoas; sobre a qualidade destas relações e o quanto valorizamos o ato de “enxergar o outro”, ou mesmo, enxergar “outra realidade” diferente da que nos interpela na rotina de nossas experiências.

É preciso lembrar que, como no livro originário desta narrativa fílmica, as personagens não recebem nome, bem como a cidade e país são fictícios e não identificados. Entendemos que tal posicionamento do autor nos leva a questionar sobre a condição humana propriamente dita, ou seja, não se faz a crítica a um determinado grupo, governo, cidade, país, etc., mas à essência e os modos de “sermos humanos”.

Livro de Cabeceira

MORANGOS MOFADOS

Wesley Borges (LETRAS/UNEMAT)



Morangos Mofados (1982) parece-me ser um dos livros mais singulares do escritor sulista Caio Fernando Abreu (1948-1996), apresentando uma coletânea cujos contos estão agrupados em duas partes, sendo apenas o conto final – que dá o nome ao livro – fora desse ajuste formal da obra. As nove narrativas que compõem a primeira parte, intitulada “o mofo”, têm como norte a representação de uma liberdade que evidencia os sentimentos individuais, bastante oprimidos em nossa contemporaneidade. Na segunda, “os morangos”, oito narrativas revelam um fio de esperança em superar os traumas impostos por uma sociedade misógina e heteronormativa. Dessa forma, “O mofo” simula a queda dos valores do homem, tratando da entrega às drogas e ao álcool, com vários personagens melancólicos e anônimos, que, ao final, unificam-se. Na contramão, “Os morangos” representa a ânsia por melhores dias, por uma existência não invisível. Por último, **Morangos mofados**, cuja introdução apresenta um trecho da canção **Strawberry Fields Forever**, dos Beatles, leva o leitor à saudade e, também, a uma solidão perpetrada no refúgio do íntimo, mas colidindo com o mofo dos caos. O discurso é poético, amoroso, beirando uma sutileza refinada que averigua os sentimentos humanos de maneira a percebê-los como exílio de si mesmo e do Outro apaixonado. Há, também, em alguns contos, elementos esotéricos e da cultura pop, tais como Angela Ro Ro e Janis Joplin, dentre tantos outros artistas. **Morangos Mofados** constrói-se com narrativas de particular fluidez, sendo por esse motivo que o Nódoa no Brim desta edição o indica a você, caro leitor, desafiando-o a se identificar com ao menos uma de suas histórias.